

Índice

Agradecimentos	9
1. Uma Espiral de Guerra, e O Que Fazer	11
2. Uma Retórica de Conflito	23
3. O Arco de Perigo — Ásia Central, Himalaias e Bangladeche	37
4. O Arco de Perigo — Mar da China Oriental e Mar do Sul da China	61
5. A Luta pelo Controlo do Ciberespaço	79
6. A Luta pelo Controlo dos Recursos Naturais	89
7. O Fracasso do Sistema Internacional	107
8. As Causas do Fracasso do Sistema Internacional	117
9. O Poderio da China — Um Poderio não Fictício, mas Efetivo	135
10. O Poderio da China — Um Regresso ao Padrão Histórico	149
11. Porquê o Antagonismo entre a China e o Ocidente	163
12. As Estratégias ao Dispor do Ocidente	171
13. A Racionalidade da Concorrência Pacífica	181
14. Concorrência Pacífica pela Via de Um Internacionalismo de Desígnios	187
15. Concorrência Pacífica pela Via da Desativação das Bombas-Relógio	195
16. A Escolha do Risco a Correr	207
Bibliografia	213
Notas	239

CAPÍTULO 1

Uma Espiral de Guerra, e O Que Fazer

Quando chamou à covid-19 “o vírus da China”, o presidente Trump não estava só a fazer uma caracterização geográfica de invulgar precisão. Estava, também, a jogar com a convicção de que a circunstância de a China não ter alertado o mundo para a gravidade do novo vírus iria alimentar a já formatada e crescente desconfiança do Ocidente em relação aos chineses.

Há muitas razões para a crescente desconfiança do Ocidente em relação à China. Umas têm a ver com o lamentável historial de direitos humanos do atual regime chinês, tristemente evidenciado pelo tratamento atroz dado aos uigures em Xinjiang e pela repressão brutal do movimento pró-democracia de Hong Kong. Outras têm a ver com o receio ocidental de que a ambição última dos responsáveis chineses seja a de governarem o mundo. Outras ainda têm a ver com a crença de que agentes do Estado chinês estão neste momento a infiltrar-se nas universidades, nas empresas e nas próprias tecnologias do Ocidente, com o objetivo de exercerem sobre este o seu poder.

É irrelevante saber se todas estas preocupações, medos e crenças do Ocidente em relação à China têm razão de ser. Independentemente de serem justificadas ou não, trata-se de atitudes bem reais e generalizadas. E este não é um problema só do Ocidente, porque encontramos as mesmas atitudes, ou outras similares, em

pessoas de países que ninguém diria ocidentais ou sequer alinhados com o Ocidente. A verdade é que será difícil apontar algum país, com a exceção do Camboja e da Coreia do Norte, que nos últimos anos tenha mantido um relacionamento manifestamente amistoso com a China. É hoje insofismável que a suspeição quanto às motivações dos chineses se encontra difundida na Ásia, em toda a região do Indo-Pacífico e em grande parte de África.

O sentimento de suspeição é recíproco. A desconfiança em relação ao Ocidente e aos estrangeiros em geral também campeia na China. A exemplo do que sucede com os medos do resto do mundo a respeito deste país, alguns dos temores chineses podem ser injustificados; independentemente do pouco ou nenhum fundamento que possam ter, no entanto, o certo é que eles são reais. Além disso, radicam numa história que é real e cuja memória é recorrentemente repisada pela narrativa da história da China transmitida à população pelo Partido Comunista Chinês.

Até 1750, a China foi, durante milhares de anos, uma sociedade avançada e poderosa, responsável por cerca de um quarto da totalidade da economia mundial. Mas isso mudou nos 250 anos que mediaram entre 1750 e 2000. A Revolução Industrial transformou a Grã-Bretanha e outras nações da Europa, seguidas da América do Norte e de regiões da Ásia, trazendo-lhes enorme riqueza e um poder de que a China, devido à ausência de industrialização, carecia em absoluto. O resultado dessa disparidade foi que, desde o século XIX até à criação, após a Segunda Guerra Mundial, de um sistema internacional novo, a China sofreu uma série de humilhações às mãos das nações recém-industrializadas. As Guerras do Ópio, a tomada de Hong Kong e de outros portos, ao abrigo do Tratado de Nanquim (Nanjing), o saque de Pequim (Beijing) pela Aliança das Oito Nações, a ocupação russa da Manchúria, a invasão japonesa e a concessão a Taiwan — e não à China continental — do estatuto de membro permanente do Conselho de Segurança da ONU são vistos na China como ilustrativos da maneira como o país foi tratado durante o período em que a “grande divergência” o tornou impotente em face do poderio industrial e militar do

Ocidente. Nesse quadro, também não foi esquecida a humilhação mais recente: a pobreza relativa da China, e a sua quase irrelevância a nível global, desde o período da revolução de Mao até ao início do presente século.

Independentemente de todos os motivos históricos para a desconfiança chinesa em relação aos estrangeiros, existem hoje, e pela primeira vez em 250 anos, muitos motivos para os chineses em geral, e o Partido Comunista Chinês em particular, viverem um considerável sentimento de superioridade.

O impressionante desempenho da China no século XXI não tem precedente em toda a história do mundo. Do ponto de vista tecnológico, os avanços da China puseram o país, em poucas décadas, a par (e, em alguns aspetos, à frente) do Ocidente. Num período em que as taxas de crescimento ocidentais foram fracas, a economia chinesa avançou a passos largos. Nestes últimos trinta anos, foram tiradas da pobreza mais pessoas do que em qualquer outro país ou época. Os chineses resistiram ao *crash* de 2008 muito melhor do que o Ocidente. Resistiram à covid-19 também bem melhor do que o Ocidente e têm vindo a expandir e atualizar as infraestruturas do país a um ritmo muito mais rápido do que o Ocidente. De um modo geral, o presidente Xi Jinping e os seus colegas têm boas razões para se congratularem por terem acertado o passo com o mundo ocidental — e é essa, precisamente, a visão que eles têm desta questão. Assim, longe de invejarem a democracia liberal (ou “competitiva”, como preferem dizer) do Ocidente, consideram que a sua própria fórmula de socialismo de mercado de tipo autoritário tem tido êxito. Daí que dispensem as lições sobre direitos humanos universais, liberdade de expressão ou democracia vindas de liberais do Ocidente. Veem-nas como um prolongamento residual do imperialismo ocidental e uma ingerência arrogante e inadmissível do Ocidente na vida política interna da China. E isso, como é óbvio, apenas serve para reforçar as já profundas suspeitas quanto às motivações ocidentais, acumuladas ao longo dos dolorosos 250 anos de sentimento de impotência.

Resumindo, quer a desconfiança ocidental relativamente à China, quer a desconfiança chinesa relativamente ao Ocidente encontram-se, hoje em dia, gravadas nas suas culturas políticas. Mas essa desconfiança mútua é mais do que um caso lamentável de desencontro internacional. Pelo contrário, configura um perigo real e atual para a humanidade.

O que a torna assim perigosa é que não se trata só de um conflito de atitudes e perspetivas. No fundo, trata-se também de uma luta pelo poder.

Há várias décadas que os Estados Unidos são a primeira potência do mundo, o seu líder incontestável. Por mais reservas que os habitantes dos países ocidentais e das nações alinhadas com o Ocidente possam ter quanto às políticas concretas das sucessivas administrações dos EUA, a verdade é que, se têm conseguido dormir descansados à noite, foi por saberem que, em última análise, o guarda-chuva norte-americano os protegeria daquilo que veem como tirania. Os corretores do poder de Washington têm também conseguido dormir descansados porque sabem que, por maiores que sejam os problemas e as vicissitudes a enfrentar na condução da política externa, em última análise o poderio esmagador da economia e da máquina militar dos EUA permitia assegurar que o que quer que estes decidissem fazer seria feito.

Mas a recente ascensão da China, espantosamente rápida como foi, veio mudar tudo isso. A China possui, hoje, forças navais numerosas e cada vez mais sofisticadas, um exército vasto e cada vez mais bem equipado, um arsenal nuclear e um poderio aéreo muito consideráveis. É certo que toda essa capacidade militar é, presentemente, menos poderosa do que a dos EUA, mas é sabido que a vantagem militar norte-americana não irá durar por muito tempo. O rápido avanço da tecnologia chinesa, aliado à circunstância de o país já ter ultrapassado os EUA enquanto maior economia do mundo em termos de paridades de poder de compra (PPC) e de em breve esta se vir a tornar a maior do mundo sob todos os aspetos, significa que os chineses não terão de esperar muitos anos até poderem dispor de meios militares iguais ou superiores aos dos EUA.

A concorrência direta que a China está a começar a mover aos EUA não é só em termos de poder militar, ou coercivo. Cada vez mais dominante, o poderio económico chinês faz com que a China seja, hoje, capaz de comprar influência em qualquer ponto do globo. A famosa iniciativa “Uma Cintura, Uma Rota” (vulgarmente designada BRI, sigla do inglês “Belt and Road Initiative”) é apenas um dos exemplos de como os chineses estão a investir milhares de milhões em infraestruturas e outros ativos não só na Ásia e Pacífico, como também em África, na Europa e nas Américas. Graças ao volume de capital que a China está em condições de mobilizar e à bem coordenada estratégia de investimento desse capital, aliados ainda às avançadíssimas tecnologias que as empresas chinesas conseguem acrescentar ao investimento, é frequente, no que diz respeito à penetração em novos mercados e à construção de novas relações comerciais, a China conseguir superar não só os EUA, mas também outras economias asiáticas e o Ocidente no seu conjunto. O facto de invariavelmente se poder inferir que os capitalistas chineses responsáveis pela construção dessas relações internacionais o fazem em perfeita coordenação com o Partido Comunista Chinês significa que não estamos perante uma mera situação de comércio e investimento. Os decisores políticos dos EUA e dos demais países ocidentais ou alinhados com o Ocidente tendem cada vez mais a ver a importância crescente da China nos mercados globais como algo de preocupante, não só pelo que ela representa de transferência do equilíbrio do poder económico de Nova Iorque para Xangai [Shanghai], mas também pela transferência do equilíbrio do poder político de Washington para Pequim.

Igualmente preocupante, para os corretores do poder de Washington, é a rede de alianças que a China está a criar. Não obstante a desconfiança latente e as relações instáveis e voláteis existentes em certos domínios entre a China e a maioria dos países, o presidente Xi e os seus colegas foram construindo silenciosamente um impressionante leque de organizações criadas com base em tratados e centradas na Organização de Cooperação de Xangai

(OCX), as quais têm findo a reforçar a influência chinesa nas esferas económica e da segurança. Em graus variáveis, a Índia e a Rússia, assim como outras potências da Ásia Central, Oriental e Meridional — e agora também, de forma muito mais ampla, os países da Europa, América do Sul e África —, têm sido chamadas a participar neste entrelaçado de instituições. Não equivale isto, de forma alguma, a dizer que a suspeita recíproca deu lugar a um amor recíproco. No entanto, a criação de todos esses laços formais acarreta uma consequência significativa. Em resultado do forte investimento que tem feito nas relações comerciais e de segurança, inclusivamente com países em relação aos quais se mantém reticente e que permanecem reticentes em relação a ela, a China não só não se encontra diplomaticamente isolada como está a ficar cada vez mais capaz de influenciar o sentido da diplomacia internacional.

Da perspetiva de muitas das figuras mais importantes de Washington, estes desenvolvimentos são alarmantes, porquanto põem em causa o conceito de hegemonia americana e lançam a dúvida sobre se, nas próximas décadas, o mundo evoluirá em direções que a América aprove. Em resumo, eles estão a minar o pressuposto de que a América deve liderar e está em condições de o fazer.

Não são só os seguidores do presidente Trump quem está preocupado com esta perda de liderança natural, ou automática, dos EUA. Não parece haver sinais de que o presidente Joe Biden e a sua equipa estejam mais dispostos do que os seus antecessores a abrir mão do conceito de hegemonia mundial americana ou a acabar alegremente por aceitar um mundo multipolar. Pelo contrário, há sinais de que a atual administração deseja bastante manter o papel de liderança nas questões mundiais a que Washington se habituou, posição que, de resto, conta com um forte apoio de membros influentes do Congresso dos Estados Unidos, de todos os quadrantes políticos.

É igualmente claro que Pequim não tem a mínima intenção de deixar que Washington continue a exercer a sua hegemonia.